



Vidas vividas, vidas escritas: vida e obra de Irit Amiel

Lives Lived, Lives Written: Life and Works of Irit Amiel

Piotr Kilanowski*

Universidade Federal do Paraná (UFPR) | Curitiba, Brasil

emaildopiotr@gmail.com

Resumo: Este artigo tem como objetivos apresentar a escritora e poeta polono-israelense Irit Amiel e refletir sobre sua biografia, inseparavelmente unida à sua escrita, em grande parte autobiográfica. Para tanto relato a biografia da escritora por meio de suas palavras, extraídas de livros e entrevistas, e uso estudos a seu respeito. Como quatro marcadores do relato biográfico uso os pontos de quebra na vida da autora, momentos de transformações importantes que configuram nascimentos de uma nova personalidade. Assim a fase da infância termina com o “segundo nascimento”, o momento da saída do gueto. Uma outra nova vida, a maturidade, é marcada simbolicamente com a mudança de nome depois de chegar a Israel. Por fim a época da sabedoria e senescência coincide com a estreia como escritora aos sessenta e três anos. O relato é acompanhado de uma reflexão sobre o trauma de um outro sobrevivente da Shoá, Boris Cyrulnik.

Palavras-chave: Irit Amiel. Shoá. Testemunho.

Abstract: This paper aims to present the Polish-Israeli writer and poet Irit Amiel and reflect on her biography inseparably linked to her writing, largely autobiographical. To this end, I report the writer's biography through her words, extracted from books and interviews, and use studies about her. As four markers of the biographical report I use the breaking points in the author's life, moments of important transformations that configure the birth of a new personality. Thus the childhood phase ends with the “second birth”, the moment of leaving the ghetto. Another new life, maturity, is marked symbolically with the change of name after arriving in Israel. Finally the time of wisdom and senescence coincides with her debut as a writer at the age of sixty-three. The report is accompanied by a reflection on the trauma of another Shoah survivor, Boris Cyrulnik.

Keywords: Irit Amiel. Shoah. Witnessing.

Irit Amiel nasceu em 5 de maio de 1931, como Irena Librowicz, em Częstochowa, Polônia, e faleceu em 16 de fevereiro de 2021 em Ramat Gan, Israel. Filha única, muito querida e esperada de Natalia, *de domo* Hasenfeld, e Leon Librowicz, veio ao mundo em uma família de comerciantes judeus assimilados. O idioma usado na sua casa era

* Professor do Departamento de Polonês, Alemão e Letras Clássicas da Universidade Federal do Paraná.



o polonês. A futura escritora relata que mesmo a religiosa avó Udl, cuja língua materna era ídiche, falava com a menina em polonês. Seus primeiros anos de vida em Częstochowa foram marcados pela harmonia e amor no seio familiar, excesso de cuidado e até superproteção. “Se a sua pequena vida não caísse na negra e profunda caverna da Segunda Guerra Mundial, certamente você teria muitas palavras de crítica a respeito de sua criação na infância”¹ escreve Amiel na sua autobiografia *Życie – tytuł tymczasowy* (Vida – título temporário). A sombra do antissemitismo de alguma forma marcou a sua infância: é por medo dele e de más influências que os pais não enviaram a filha nem ao jardim de infância, nem à escola polonesa, preferindo que estudasse em casa. Aos cinco anos de idade, a pequena Irena aprende a ler sozinha e desenvolve ambições de um dia ser literata. É criada num quarto cor de rosa, com uma babá (graças a quem conheceria rudimentos de cristianismo que depois ajudarão a salvar sua vida no “lado ariano”). Uma menina mimada, vista como frágil, depois de anos recordará a sensação de segurança e amor que lhe foi transmitida pelos pais.

Tinha oito anos quando eclodiu a guerra. Durante oito anos tive uma infância normal. Não idealizo meus pais, de um modo geral eram superprotetores e hipocondríacos. Não andava de bicicleta, não fazia esqui ou natação, pois eram perigosos. Em vez disso tinha futebol – meu pai jogava no clube Makabi Częstochowa. Comecei a ler cedo. Podia discutir sobre os livros com meu pai. Com a mãe eu discutia se deveria usar meias ou meia-calça – com ela levávamos outro tipo de conversas.²

A eclosão da guerra fez a família se refugiar em Świder, nas redondezas de Varsóvia. Quando voltam a Częstochowa, já depois do *pogrom* da população judia e polonesa conhecido como A Segunda-feira Sangrenta (*Krwawy poniedziałek*), em que os nazistas assassinaram entre 300 e 500 pessoas, encontram seu apartamento ocupado pela gestapo e são obrigados a viver junto com quase vinte familiares em um apartamento superlotado. Logo na sequência, os alemães tomam a loja de Leon Librowicz e em seguida, em abril de 1941, encarceram todos os judeus da cidade no gueto. Ao lado de todas as agruras dos tempos do gueto, a futura escritora também tem boas memórias: participa da educação clandestina, organizada, entre outros, pela mãe de Jan Majzner,

¹ AMIEL, 2014, p. 27. Essa e outras informações na sequência tem como base a autobiografia de Amiel (2014), sua biografia de autoria de Marta Tomczok (2021) e fontes históricas e memorialísticas a respeito da história da resistência armada dos judeus de Częstochowa durante a Shoah (BRENNER, 1963; DIMANT, 2001; EINHORN, 2002). Todas as traduções ao longo deste trabalho, a não ser quando indicado diferente, são de minha autoria.

² AMIEL, Irit. *Pewność* (z rozmowy z Irit). Em: DOŁOWY, 2019, p. 217.



que anos depois sob o nome de Yan Michalski viria a se tornar um dos mais importantes críticos brasileiros de teatro³.

O dia de Yom Kippur de 1942, 22 de setembro é marcado pela “*Aktion*” de liquidação do “gueto grande” e a primeira das seis deportações de sua população para o campo de extermínio de Treblinka. Ao longo de alguns dias, serão deportadas e assassinadas cerca de 40 mil pessoas e o gueto ficaria reduzido a apenas algumas ruas e denominado de “gueto pequeno” que foi habitado por 5-6 mil empregadas na sua maioria em fábrica de munições. É em face dessa barbárie alemã que os pais de Irit Amiel, depois de uma malsucedida tentativa de fuga com a filha, decidem que ela deve tentar se salvar sozinha. No dia 27 de setembro a menina que acredita que irá sair junto com pai é contrabandeada por um buraco na parede para o “lado ariano”. Esse acontecimento marca o fim de uma etapa de sua vida, sendo o dia em que, pela última vez, vê seus pais e que ela mesma descreverá em vários de seus escritos como seu segundo nascimento. Depois de alguns meses passados num vilarejo no interior, em condições de extrema pobreza, falta de higiene e diante da iminência de uma denúncia, Irena é obrigada a voltar para Czestochowa, onde descobre que seus amados pais foram deportados. Acolhida pela tia, Guta (Gustawa) Kremaska, precisa viver num esconderijo, uma vez que no “gueto pequeno”, que restou depois das deportações de 1942, não havia mais crianças nem idosos. Três meses antes da liquidação final do gueto, marcada pela resistência armada no final de junho, em março de 1943, munida de uma identidade falsa em nome de Krystyna Hankiewicz, Irenadecide sair de Czestochowa para viver em Varsóvia, graças à ajuda do seu tio Marian Hassenfeld⁴ que junto com a esposa Dorota havia fugido do gueto ainda em 1942 para viver no “lado ariano” de Varsóvia. Na sua autobiografia, Amiel fala da necessidade de mudança que uma pessoa tinha que operar nela mesma para poder viver fora do gueto. Lembremos que, no caso dela, foi uma de muitas transformações que sofreu na sua vida e que neste caso ela foi realizada por uma garota de doze anos:

Para viver com os documentos de um ariano é preciso andar reto pela rua, não se curvar, olhar diretamente nos olhos das pessoas e fingir que você não tem medo de nada e de ninguém. A vida

³ O fato de ter participado da escola da Senhora Majzner é lembrado várias vezes por Irit Amiel, que, no entanto, não menciona Yan Majzner Michalski (1932-1990). Quem relaciona os fatos é Aleksandra Pluta na sua biografia de Yan Michalski: *As duas vidas de Yan*, PLUTA, 2022.

⁴ Para saber mais sobre Marian Hassenfeld, advogado, depois da guerra professor e reitor de uma das universidades em Czestochowa, descrito como um dos personagens secundários no livro de Hanna Krall, *Biała Maria*, KRALL, 2017, p. 1192-1197 veja: <https://sztetl.org.pl/pl/biogramy/194163-hassenfeld-marian>, acesso em 18.09.2023.



no gueto pelo menos não é solitária. Todos juntos aguardam o mesmo destino. A vida com os documentos arianos é muito solitária e tensa. É preciso ficar atento dia e noite e fingir que você é uma outra pessoa, exatamente tal como todos ao redor. Não se pode demonstrar desespero nem medo. Medo de torturas, de delação, da morte. Com um sorriso engolir a saudade da casa e dos pais que é amarga como losna.⁵

Apesar de algumas situações em que foi chantageada e ameaçada de ser entregue aos alemães por delatores e policiais poloneses, a futura poeta consegue ficar em Varsóvia até a queda do Levante de Varsóvia, em outubro de 1944, quando junto com os familiares escapa da deportação e das perseguições aos fugitivos e consegue sobreviver nos vilarejos interioranos até o fim da guerra.

Voltou para Częstochowa com o tio Marian e as tias Dorota e Guta em maio de 1945. A volta foi dolorosa: toda a comunidade judaica havia sido destruída, e, depois de anos nutrindo esperança, Irena encontra testemunhas da deportação de seus pais para o campo de extermínio em Treblinka. Essa notícia junto com a sensação de desenraizamento, comentários antisemitas e encontro com Icchak "Antek" Cukierman⁶ faz com que decida fugir da casa dos tios que queriam adotá-la e se juntar a Berihá⁷. Ao lado de outros sobreviventes, sob os cuidados da organização, depois de vagar pela Europa pós-guerra por mais de dois anos, cruzar fronteiras clandestinamente e ser detida pelos britânicos no campo para os refugiados ilegais no Chipre, consegue por fim ingressar ilegalmente no Mandato Britânico de Palestina, em dezembro de 1947, alguns meses antes da fundação de Israel. De início, a vida no novo país é amarga: os sobreviventes não são muito bem recebidos, frequentemente usados como mão de obra, desconfia-se de suas histórias, atribui-se a eles a culpa por terem sobrevivido à custa dos outros. Por outro lado, Israel constitui para eles a oportunidade de começarem uma vida nova na tentativa de deixar para trás as vivências traumáticas. A poeta sente orgulho e segurança por ter seu próprio país e se engaja com todas as forças em sua construção. No kibutz Sha'ar HáAmakim, acontece

⁵ AMIEL, 2014, p. 91.

⁶ Icchak Cukierman ("Antek", Yitzhak Zuckerman, 1915-1981) foi um ativista sionista (Dror, HeHalutz), vice-comandante da Organização Judia de Combate (Żydowska Organizacja Bojowa, ŻOB) e do Levante do Gueto de Varsóvia. Depois da guerra um dos ativistas da organização Berihá (ver nota 7) e um dos fundadores do kibutz Lohamei HaGeta'ot.

⁷ Berihá, Berihah, ou Brichah, do hebraico בריחה (fuga), foi um movimento de judeus depois do Holocausto que queiram sair da Europa pós-guerra para migrar ilegalmente ao Mandato Britânico de Palestina, facilitado pela organização com o mesmo nome, fundada pelos sobreviventes da resistência judaica armada nos guetos. Estima-se que graças à sua ajuda cerca de 250 mil judeus europeus puderam imigrar para a Palestina.



uma espécie de terceiro nascimento na sua vida⁸. Morre definitivamente a Irena Librowicz e nasce a Irit Amiel. “Você percebe rapidamente que é preciso simplesmente se assimilar, de modo tão rápido e gracioso quanto possível. Exatamente como na Polônia. Enterrar a Irena, criar a Irit. Aprender a língua e assemelhar-se aos nativos.”⁹ Embora a mudança de nome fosse forçada, para Amiel foi uma oportunidade de criar uma nova identidade com a qual passou a se identificar por completo. Quando depois de anos perguntada pela sua biógrafa Marta Tomczok se o nome da pessoa determina sua identidade, Amiel respondeu: “Acho que com tempo, sim. No meu caso foi assim com certeza. Não gosto de ser chamada de Irena, não tenho nenhuma ligação com este nome. Sou Irit.”¹⁰

Depois de morar em alguns kibutzim (Beit Há Shitta, Palmachim) prestar serviço militar e trabalhar num pesqueiro, Irit conhece um companheiro de Palmach¹¹, Chuzy, e se casa com ele em 1953. Em 1955 nasce seu filho Oni, três anos depois, a filha Dita. Ao longo de anos, Amiel trabalhou como fabricante de bijuterias, dona de uma boutique, aeromoça. Aos cinquenta anos fez um curso de tradução que abriu o caminho para sua carreira de escritora. Depois da fuga para o “lado ariano” e a transformação de Irena Librowicz em Irit Amiel, esse foi mais um nascimento, o quarto¹². Aos sessenta e três anos, em 1994, Irit Amiel estreou como poeta com livro *Egzamin z Zagłady* (A prova do Holocausto). A este se seguiram outros livros de poesia (*Nie zdążyłam* em 1998, *Tu i tamem* 1999 e *Wdychać głęboko* em 2002). Sua poesia foi reunida no livro *Spóźniona/Delayed* em 2016 que foi publicado no Brasil em 2019 sob o título *Não cheguei a Treblinka a tempo/ Nie zdążyłam do Treblinka na czas*¹³. Foi também autora de notáveis livros de prosa, *Osmaleni* (Chamuscados) de 1999, *Podwójny krajobraz* (A paisagem dupla) de 2008, ambos nomeados para Nike, o mais importante prêmio literário polonês e de autobiografia *Życie – tytuł tymczasowy* (Vida – título temporário) que publicou aos oitenta e três, em 2014. Depois da sua morte, em 2021, foi publicada uma

⁸ A própria autora associa simbolicamente seu terceiro nascimento com a entrada no mar em Neibi Rubim, durante uma excursão, algo que deve ter se dado mais ou menos na mesma época: “E depois quando você entre na água, você sente como este anil transparente, salgado como lágrimas lava tudo de você e você nasce pela terceira vez”, AMIEL, 2014, p 173.

⁹ AMIEL, 2014, p. 166.

¹⁰ TOMCZOK, 2021, p. 66-67.

¹¹ Palmach foi uma formação de força de elite do grupo paramilitar Haganá.

¹² Embora Agata Patalas, no artigo escrito por ocasião do falecimento de Amiel, sustentasse que a “quarta vida de Irit Amiel” (PATALAS, 2021, p. 8) começasse depois da sua morte, por meio de suas obras, creio mais acertado pensar que essa vida e esse nascimento começassem no momento da estreia na escrita.

¹³ Alguns poemas extraídos do livro foram publicados em KILANOWSKI (2020a) e (2022b)



longa entrevista com Agnieszka Piśkiewicz-Bornstein, que foi sua secretária nos últimos treze anos de vida, *Os tatnie fastrygi* (Os últimos alinhavos).

O acontecimento que Amiel chama de seu “segundo nascimento” tornou-se uma espécie de eixo em torno do qual Marta Tomczok estrutura algumas partes da biografia da escritora. Como nota Tomczok, o evento é retratado nos escritos de Amiel em vários lugares e de formas distintas. Tomczok, numa escolha mais que acertada, compara o acontecimento com o trauma semelhante relacionado e analisado por neurologista, psiquiatra e etólogo, Boris Cyrulnik, ele mesmo sobrevivente e vítima de separação traumática com os pais. Cyrulnik, conhecido por estudar e desenvolver o conceito de resiliência descreve sua história no livro *Corre, a vida te chama* refletindo sobre a estrutura do psiquismo traumatizado e sobre um modo de lidar com o trauma. A ideia de “segundo nascimento” presente, ao que tudo indica independentemente, na obra de Amiel e de Cyrulnik, assim como modos de enfrentar o trauma criam um paralelo fascinante explorado por Tomczok para se aprofundar nas leituras das obras da escritora. “O segundo nascimento” de Amiel é o momento em que levada pelo pai sob tiroteio até o buraco na parede do hospital é empurrada para o lado ariano, para continuar por lá sua vida sem os pais. O acontecimento é relacionado em primeira pessoa no conto “Kartka z pamiętnika” (Uma página de livro de memórias) do livro *Osmaleni*, em segunda pessoa do singular no capítulo “Drugie narodziny” (O segundo nascimento) da autobiografia e numa recontagem do acontecimento no poema “A tentação” baseado na história bíblica:

A tentação

1. Deus tentou Leon, e disse-lhe: “Leon Leon!”

“Eis-me aqui”, respondeu ele.

2. Deus disse: “Toma tua filha, tua única filha a quem tanto amas, Irenka¹⁴, e vai à fronteira, onde tu a oferecerás em holocausto sobre uma das ruas que eu te indicar.”

3. No dia seguinte, pela manhã, Leon tomou consigo Irenka, sua filha, e partiu para o lugar que Deus lhe tinha indicado.

4. Ao terceiro dia, levantando os olhos, viu o lugar de longe na rua Przemysłowa na fronteira do gueto. E, enquanto os dois iam caminhando juntos, Irenka disse a seu pai: “Onde está a vítima para o holocausto?” E Leon respondeu-lhe: Parece que Deus te selecionou como vítima, minha filha, então vamos rastejar mais um pouco para que da parede possas pular para dentro da vida.”

¹⁴ Irenka e Irka são diminutivos do nome original de Amiel, Irena.



5. E o anjo do Senhor gritou-lhe do céu: “Leon! Leon!”, e ele respondeu: “Eis-me aqui!” E disse - “Agora eu sei que não temes a Deus e que livrastes tua filha única; por isso irás tu mesmo para o holocausto em Treblinka.¹⁵

Aparece também de uma forma fragmentária no poema “Relances”:

[...]IV

Como Pallas Atena da cabeça de Zeus

pulei um dia da parede

no limiar entre a vida

e a morte [...]

VIII

Aquele que me salvou a vida

por um punhado de dinheiros de ouro

entregou toda a minha família

e foi morto junto com eles [...]¹⁶

Podemos perceber que nos dois poemas o acontecimento recebe uma roupagem mítica, talvez na tentativa de inscrever seu destino nas histórias universais, uma maneira de lidar com o evento traumático por meio do distanciamento e da tentativa de atribuir a ele um sentido universal. Podemos observar também que o relato em primeira pessoa do livro *Osmaleni* é repetido quase que palavra por palavra, mas usando formas da segunda pessoa na autobiografia (em português ao traduzir uso a terceira pessoa e pronome "você"). A volta do acontecimento pode ser explicada com as palavras de Cyrulnik:

A clínica do trauma descreve uma memória particular: intrusiva, ela se impõe como uma sequência dolorosa que se apropria de nossa alma. Prisioneiros do passado, revemos sem cessar as imagens insuportáveis que, à noite, povoam nossos pesadelos. A menor banalidade da vida desperta o dilaceramento: “A neve que nos faz pensar nos Natais na montanha faz voltar em mim a imagem dos cadáveres gelados de Auschwitz...¹⁷

Em outro momento, ele pergunta: “A representação do trauma seria influenciada pela maneira de falar? O simples fato de pronunciar uma palavra orienta a recordação de

¹⁵ AMIEL, 2019, p. 143.

¹⁶ AMIEL, 2019.

¹⁷ CYRULNIK, 2013, p. 49.



imagens e fatos.”¹⁸ E em outro ainda parece oferecer a resposta para necessidade de recontar o acontecido em formas diversas por meio das palavras de Ka-Tzetnik:

Quando o relato ajuda a dominar um acontecimento vivido com estupor, o ferido delega seu trauma a um porta-voz: “Eu vivi os acontecimentos, eu, eu, eu, entretanto precisava [...] transformar o ‘eu’ em ‘ele’. Sentia-me dividido, pouco à vontade, estrangeiro [...], sabia que, se não escrevesse na terceira pessoa, não escreveria coisa nenhuma.”(Ka-Tzetnik, *Les Visions d’un rescapé ou le Syndrome d’Auschwitz*, Paris, Hachette, 1990).¹⁹

É desta maneira que podemos entender a necessidade de criar um personagem, um “você”, uma Irenka para quem a Irit pode narrar novamente o acontecimento separando-se dele, formulando e reformulando a própria dor, desta maneira se separando dela e se apossando dela, sendo agente da narrativa em vez de ser apenas seu objeto. A autobiografia quase na sua integridade é contada em segunda pessoa, pela narradora-observadora que relata a sua vida para si mesma-outra. Para que esse processo pudesse ser completado, era preciso que se completassem as várias vidas de Irit Amiel, que Irenka sofresse seu “segundo nascimento”, que morresse em Israel para dar lugar a Irit e que Irit depois de uma vida construindo a identidade, a família, o país e realizando-se profissionalmente, nascesse pela quarta vez. Desta vez, como aquela que assume o poder de ser dona e criadora de sua própria história, o poder de recriar narrativas e reformular os traumas, a mestre da metamorfose: uma escritora.

Na entrevista dada a Marta Tomczok e publicada em 2020, pouco tempo antes da sua morte, a quase nonagenária Irit Amiel assim falou sobre sua vocação de escritora, resumindo brevemente sua trajetória:

Desde quando, com cinco anos de idade, aprendi sozinha a ler e escrever, sabia que queria ser escritora. Sempre me interessaram as pessoas e suas conversas, frequentemente me recordava das frases que os adultos diziam na minha presença. Não frequentava escola porque meus pais queriam me poupar de numerosas e cotidianas experiências de aberto antissemitismo na cidade de Czestochowa e do sentimento de humilhação relacionado a isso. Gostava de escrever poeminhas curtos e continhos, inicialmente para mim mesma. Lembro-me de que sempre estavam tristes. E depois, como todos sabem, começou a guerra, que durou seis anos. Eu tinha oito anos e vivi por dois anos no gueto de Czestochowa, depois fiquei vagando por vilarejos e por dois anos em Varsóvia com documentos arianos.

¹⁸ CYRULNIK, 2013, p. 117.

¹⁹ CYRULNIK, 2013, p. 170.



Depois da guerra, quando entendi que meus pais não voltariam mais e que na Polônia ainda não gostam de judeus, decidi deixar o país. [...] Chegamos à conclusão de que judeus precisam ter o seu país porque os países europeus não nos suportam. [...] Escrevia também um diário no caminho, mas essas anotações foram perdidas no Chipre. Em Israel, prometi a mim mesma que enquanto não conseguisse escrever um poema ou um conto em hebraico, nada iria escrever.²⁰

Ao longo da entrevista a autora conta como sua experiência como leitora da literatura da Shoá, principalmente testemunhal, foi importante para ela, tanto como sobrevivente que tentava formular suas vivências quanto como futura escritora. As leituras da literatura polonesa da Shoá vieram no momento em que Amiel estava tentando dominar bem o hebraico e estavam sendo tão marcantes que a fizeram duvidar de suas próprias capacidades de se expressar:

Submergi nesses textos e não teria coragem de estreiar com minhas humildes histórias se não fosse pela senhora Agata Patalas, professora de professores de Varsóvia, que depois de anos deu atenção a uma delas, publicada na revista *Midrasz*, e a enviou para Jerzy Giedroyc em Paris. A minha estreia se deu quando tinha sessenta anos. Foi então que publiquei meus poemas. Antes eu sabia que era preciso não apenas construir um país para os judeus, mas também construir uma família, trazer ao mundo novas crianças no lugar daquelas que foram queimadas. Somente depois veio-me a convicção de que, uma vez que tenho essa possibilidade, preciso escrever, preciso contar de várias maneiras possíveis para mim.²¹

O trabalho de chegar à sua própria escrita aconteceu por meio da tradução. O domínio de cinco idiomas ajudou Amiel não apenas a encontrar trabalho como aeromoça na meia idade, mas também a fez terminar um curso superior. Aos cinquenta anos ela se graduou em estudos da tradução e começou a traduzir obras literárias do polonês para o hebraico. Isso a fez se aproximar da comunidade polono-israelense e de experiências semelhantes à sua. E eram muitos os que depois de longo tempo calados conseguiram encontrar os meios de se expressar. Talvez um dos mais importantes passos nesse processo fosse dado por uma outra escritora polono-israelense, Halina Birenbaum, sobrevivente do gueto de Varsóvia e campos de concentração em Majdanek, Auschwitz, Ravensbrück e Neustadt-Glewe. Birenbaum, como muitos, sentiu que só poderia começar a falar abertamente depois do processo de Eichmann (1961). Em 1967,

²⁰ AMIEL, TOMCZOK, 2020, p. 28.

²¹ AMIEL, TOMCZOK, 2020, p. 29.



Birenbaum publicou em polonês seu livro de memórias que logo seria traduzido para vários outros idiomas e publicado também em hebraico, *Nadzieja umiera ostatnia, A esperança é a última que morre*²². Num outro momento, Birenbaum falou sobre o clima que não favorecia a possibilidade de que os sobreviventes contassem suas histórias:

Aqueles nascidos em Palestina não entediam a nossa situação. Não sabiam o que tínhamos vivido, o que era o gueto, Auschwitz, esconderijos. Pensavam que nós éramos fracos, desprezíveis (...) representávamos para eles o mundo desonrado. Nós nos sentíamos piores do que eles [...] Quando o Estado de Israel estava surgindo, dominava um sentimento de que não falássemos daquilo. Que era uma vergonha que não lutamos, que passaremos o trauma para as gerações seguintes. [...] Aquilo sobre o que falo para alguns é o mundo velho, decrepito e martirizado. Não querem ouvir sobre isso, pois precisam construir uma sociedade forte.²³

Sobre a importância de poder verbalizar o relato sobre os eventos traumáticos, diz Cyrulnik:

Outros estudos demonstram que os soldados que sabem manipular o instrumento verbal sofrem menos de síndrome traumática. Pode-se, portanto, deduzir que os dois fatores de proteção mais preciosos são o vínculo seguro e a possibilidade de verbalizar. O fato de sermos aptos a fazer uma representação verbal do que nos aconteceu, e achar alguém a quem dirigir o relato, facilita o domínio emocional. O sentimento de segurança não permite que a memória visual se aposses do mundo íntimo e lhe imponha imagens de horror. Todos os traumatizados têm uma clara memória de imagens, e uma memória ruim de palavras.²⁴

Irit Amiel, quando começou sua vida de escritora, esteve em um lugar muito mais privilegiado quanto ao clima em torno dos sobreviventes. Precedida por várias outras escritoras polono-israelenses como Halina Birenbaum, Miriam Akavia e Ida Fink, ela já encontrou um espaço muito mais seguro para poder se expressar. Ao mesmo tempo, como ela mesma diz sobre o momento em que começou a pensar em escrever, nos anos cinquenta, não encontrava uma língua (talvez nem uma linguagem) em que pudesse escrever: “por enquanto você não tem língua. É uma aleijada. Não pode escrever, pois

²² A tradução do livro para o português de autoria de Eneida Favre foi publicada na Polônia pela editora do Museu de Auschwitz Birkenau em 2021.

²³ BIRENBAUM, TUTAK-GOLL, 2019, p. 226-227.

²⁴ CYRULNIK, 2013, p. 61.



em que idioma iria fazê-lo? Em polonês? Para quem? Em hebraico? Como?”²⁵ O tema de estar dividida entre dois idiomas, entre dois mundos aparece em vários pontos de escrita de Amiel. Escreve sobre esse tema no contexto de sua aproximação com o meio polono-israelense:

Há aqueles que desistem dos idiomas da pátria velha, daqueles imergidos na circulação sanguínea, pisoteando-os com um sotaque novo e um ritmo distinto. E também há aqueles que os cultivam às escondidas, como um avaro. É justo a estes que você pertence. Por um lado, apaixonada pela rica e farfalhante fala polonesa e ao mesmo tempo fascinada pela hebraica, precisa e condensada, na qual de uma raiz de três letras crescem algumas páginas no dicionário. É uma das maiores conquistas do País Novo. Nada banal: ressuscitar o idioma litúrgico, adormecido por milênios na Bíblia, nos salmos, nos antigos livros de oração e nas bênçãos.[...]

E você, num contínuo movimento entre duas línguas herméticas, polonês e hebraico, conheceu o dualismo do migrante, o ser humano que carrega em si até o fim da vida pelo menos dois mundos. Quando você chega ao País Novo eclode a guerra de independência. Você quer escrever um diário, mas em que idioma? De repente você percebe que ficou sem a língua. E um ser humano sem a língua é um aleijado. [...] Então é preciso empurrar para o fundo de si mesma, quase apagar dentro de si a língua materna para fazer lugar àquela nova sem a qual se é um mudo e não se pode existir.²⁶

Como foi dito, o caminho para descobrir a fala em que é possível atingir a expressão completa se dá em Amiel por meio de tradução. “Dizem que a tradução é como um beijo pelo lenço. Quanto mais fino o lenço, melhor a tradução. Às vezes você acha que esse poema hebraico ou conto soaria bem em polonês. Ou que esse poema hebraico precisa vir a existir em polonês.”²⁷ Assim a autora começa o caminho de volta para o idioma materno.

Escrevi poemas em hebraico, mas senti que não estavam prontos, não estavam completos, que algo lhes faltava. Foi então que entendi que tudo isso precisava ser dito em duas línguas. Um dia me levantei da cama, olhei por debaixo do travesseiro e encontrei por lá o tesouro, o tesouro que era meu. Esse tesouro é o meu

²⁵ AMIEL, 2014, p. 192.

²⁶ AMIEL, 2014, p. 209-211.

²⁷ AMIEL, 2014, p. 211.



profundo conhecimento do idioma polonês no qual eu posso dizer tudo, embora conheça muito bem o hebraico. Essa era a única coisa que nós, os chamuscados, poderíamos levar conosco da Polônia (...).²⁸

“Assim começa essa viagem para trás, essa odisséia às avessas, até o início, ao Gênesis, à língua da infância, à frase ouvida outrora, às estrofes de canções e poemas memorizados e aos aromas antigos, esquecidos que se desvaneceram no vento do tempo.”²⁹Foi então que a autora cunhou o termo com o qual definiu a si mesma e aos outros sobreviventes em cujas vidas a Shoá lançou sua longa e indelével sombra: *osmaleni* – os chamuscados. Talvez tenha sido essa imagem que lhe ajudou a dar feições ao seu próprio trauma. Ser um chamuscado não significa apenas carregar em si “o inapagável e duradouro estigma do Extermínio, mas também significa o estado que aparece no ser humano repentinamente, geralmente na idade mais avançada, mas que com sua força lembra as ondas de um tsunami. Sua potência, precedida de décadas de paz e felicidade consegue ser letal”³⁰, conforme a tentativa de Marta Tomczok de definir o conceito. A estudiosa, questionando o uso da palavra Holocausto, reflete assim sobre o termo: “os chamuscados são aqueles que não foram queimados, embora não fosse Deus quem os tocasse com as chamas. Eles são sobreviventes de um incêndio, que se salvaram, mas foram cobertos de fuligem, conspurcados com uma sujeira indelével de simbologia obscura”³¹. A metáfora, que acabou por se tornar um conceito dentro dos estudos poloneses a respeito da Shoá, constituiu o título de um dos livros de Amiel, uma coletânea de curtos contos, *Osmaleni* (Os chamuscados). No posfácio do livro, um outro chamuscado, um dos maiores estudiosos da literatura polonesa, Michał Głowiński que foi salvo quando criança por Irena Sendler escreveu sobre seus protagonistas, tentando descrever melhor o termo:

Os protagonistas foram chamuscados pelo crime que foi perpetrado contra eles diretamente, contra os seus entes queridos, contra a comunidade da qual sentiam fazer parte e com a qual se identificavam. Esse chamuscamento não pode ser eliminado de nenhuma forma, ele é irremovível. Penso que a metáfora da qual se serviu Irit Amiel tem chances de se tornar parte do idioma e definir para sempre a situação existencial daqueles que escaparam com vida do Extermínio, mas continuam sendo suas vítimas.³²

²⁸ AMIEL, TOMCZOK, 2020, p. 30.

²⁹ AMIEL, 2014, p. 219.

³⁰ TOMCZOK, 2021, p. 10.

³¹ TOMCZOK, 2021, p.161.

³² GŁOWIŃSKI, 2010, p. 109.



O chamuscamento com que foram marcados aqueles que escaparam da imensa pira do Extermínio é, portanto, uma marca indelével. Para poder sobreviver com esse estigma, é necessário encontrar meios para tanto. Um deles parece ser a tentativa de esconder dentro de si as experiências, não voltar a elas, evitar seu poder letal. Um outro pode ser justamente oposto: tentar dar testemunho, contar sobre o horror, encontrando assim um sentido para a própria existência. Citemos novamente Cyrulnik:

Todos os feridos da alma experimentam o efeito protetor do silêncio. Vão precisar de muito tempo para descobrir que essa legítima defesa cria uma relação particular. Ao voltarem do outro mundo, as lembranças e as palavras adquiriram um significado difícil de compartilhar.[...] Um traumatizado não escolhe sempre o silêncio. Com frequência, é a cultura que o faz se calar. Ao voltar do outro mundo, “em que língua, com que palavras a experiência poderá ser falada [...], o silêncio em todas as suas formas – mutismo intermitente, recusa de retorno [...], suspensão de qualquer linguagem – oferece ao sobrevivente a única resposta” (Patsalides-Hofmann B., *Traversées de silences, Mémoires*, 2012, março, nº- 55, p. 9.) Quando nada do que se diz é escutado, quando todas as palavras são deformadas, como não querer se calar?

O caminho de Amiel para a escrita passou pelo período de silêncio que acabou sendo bastante produtivo. Por um lado, a autora realizou suas ambições na vida, por outro, além de amadurecimento para voltar ao idioma, veio também a compreensão necessária para criar uma linguagem com qual pudesse falar sobre o tema.

De início você não pode escrever porque quer apaixonadamente viver. Simplesmente viver. Comer e beber até se faltar, amar. Por enquanto lhe falta perspectiva. Sai apenas um enorme lamento. Principalmente de si mesma. Todos concorrem entre si sobre quem passou pelas vivências mais pesadas. E de repente, ao longo dos anos que se passaram desde a época dos fornos, começa a fluir uma ampla corrente de palavras a seu respeito. Acontece uma inflação da palavra e ela perde a sua força. E você percebe que, quando todos aqueles que querem, sabem como onde e quando, quando tudo está decifrado, é preciso escrever sobre esses assuntos duros e dramáticos de maneira mais simples, coloquialmente, de uma forma quase angulosa.³³

³³AMIEL, 2014, p. 216.



Assim surge a escritora e seu estilo: preciso, conciso e enxuto. Um outro aspecto importante de sua prosa é observado por Henryk Grynberg, um outro chamuscado e um dos escritores mais importantes entre aqueles que escrevem em polonês sobre a Shoá e relações polono-judaicas. Além de fazer uma comparação instigante entre a prosa de Irit Amiel e a de Hanna Krall, o poeta e prosador nota um aspecto inusitado, uma contínua presença do passado no presente: “Na poesia e na prosa de Irit Amiel, assim como na de Hanna Krall, o presente encontra-se e mistura-se com o passado, pois ambas as autoras possuem uma habilidade de estar simultaneamente nos dois tempos, aquela característica particular dos “chamuscados” pelo incêndio do Holocausto.”³⁴ Mesmo que Grynberg utilize aqui como exemplo um conto de Amiel que não é autobiográfico, o aspecto é presente e vital nas obras autobiográficas. É uma maneira de distanciar-se e, ao mesmo tempo, acolher a si mesma ferida, aquela que teve que ir se metamorfoseando para poder sobreviver. A própria autora fala dele assim dirigindo-se a si mesma-outra:

De onde que eu sei tudo isso? Afinal você sempre está em mim. Afinal estamos todas em mim. Em toda idade e em toda situação. Como aquela matrioska russa. Uma está dentro da outra e todas estão em mim. Nenhuma me é estranha. Em cada momento posso chamar cada Irka. E somente agora, no declínio final da minha inesperadamente longa vida, posso escrever sobre você – eu de onze anos solitária naquela aldeia que não existe mais.³⁵

Escrever presume um distanciamento maior que falar, um distanciamento que permite relatar sem se expor excessivamente e permanecer no controle da narrativa. Na entrevista dada a Remigiusz Grzela, intitulada *Jestem tą, która tam była* (Eu sou aquela que estava lá) quando o jornalista pediu para ela contar sobre o momento do seu “segundo nascimento”, Amiel tentou começar a descrever, para depois de três frases constatar: “isso realmente não é o sobre o que eu queria falar. (...) Nem quero, nem posso. Posso escrever, mas não posso falar.”³⁶ E quando instada, responde: “É para eu falar com detalhes? Não posso falar daquela *Aktion*, se falar vou enfartar. Não preciso disso. Para o inferno com esses poemas. OK, meus primeiros poemas eram mais um relato que uma metáfora. Aparentemente precisava ser assim. Embora em *Osmaleni* eu estivesse em cada conto, me escondia. É mais fácil para mim escrever do que falar.”³⁷

Ao lado da necessidade de escrever sobre seu próprio trauma vem o dever de dar testemunho. Diz Amiel:

³⁴ GRYNBERG, 2008, p. 8.

³⁵ AMIEL, 2014, p. 74-75.

³⁶ AMIEL, GRZELA, 2012.

³⁷ AMIEL, GRZELA, 2012.



Você escreverá sobre como vivem indivíduos da geração que viu o mundo pelo lado do forro. A geração que carrega dentro da sua caixa preta informações sobre como é fininha e frágil a fronteira entre um ser humano e uma besta. Escreverá sobre que caminhos da vida ou da morte escolhe aquele que vê que o céu é vazio. Que não há esperança nem misericórdia.³⁸[...] Não é uma ficção nem invenção, é a sua vida e quase morte com a ressurreição repetida algumas vezes. É a biografia da sua geração que sobreviveu ao extermínio da nação judaica na Europa e contribuiu para a construção do seu próprio Estado, Israel.³⁹

Finalizando essa exposição gostaria de incluir uma reflexão que une as considerações de Cyrulnik a um ponto em comum na biografia de várias escritoras e vários escritores que escrevem sobre as suas vivências durante a Shoá. É perceptível nas suas biografias um ponto traumático que retorna ao longo de suas obras. No caso de Halina Birenbaum é o momento em que percebe que foi separada da mãe que foi levada para a câmara de gás. Na vida e obra de Henryk Grynberg é o assassinato do seu pai pelos camponeses poloneses⁴⁰. Quando se trata de Hanna Krall⁴¹ é a noite passada na delegacia da polícia polonesa quando depois de delatadas e antes de serem resgatadas por uma amiga polonesa, a escritora e a sua mãe são colocadas pelos policiais diante da necessidade de escolha: qual das duas é judia e qual merece viver. No caso de Irit Amiel, é o momento de sair para o “lado ariano” que descreve como o “segundo nascimento”. O ponto do trauma nas obras e entrevistas de todos eles volta em várias encenações. Birenbaum e Grynberg conseguem falar dele e o fazem na primeira pessoa. No caso de Krall, o relato, seja escrito, seja falado acontece geralmente na terceira pessoa (“certa menina que eu conheci muito bem”), eventualmente na

³⁸ AMIEL, 2014, p. 219.

³⁹ AMIEL, 2014, p. 217.

⁴⁰ Além de o tema ressurgir várias vezes nos seus escritos, a descoberta do corpo do pai, que se dá quase cinquenta anos depois do fim da guerra, é tema do livro *Dziedzictwo* (A herança), GRYNBERG, 1996 e do filme de Mikołaj Łoziński *Miejsce urodzenia* (O lugar de nascimento). O documentário segue Grynberg, já cidadão estadunidense, de volta à Polônia no início dos anos noventa em busca de elucidar o enigma da morte de seu pai e irmãozinho. Ao longo da obra assistimos os encontros com aqueles que ajudavam a ele mesmo quando criança judia perseguida pelos nazistas e com aqueles que assassinaram seu pai. No ápice testemunhamos a exumação do corpo do pai que o escritor faz junto com os camponeses da redondeza.

⁴¹ A relação complicada de Hanna Krall com a memória, identidade cindida e tentativas de expressá-la, principalmente no livro *Sublokatorka* (A sublocatária), KRALL, 1985 é o tema de meu artigo *Hanna Krall e os caminhos tortos da memória e da identidade*.



segunda e nunca em primeira⁴². Irit Amiel nos oferece o relato em primeira pessoa no conto “Kartka z pamiętnika” (Uma página do livro de memórias) e num fragmento do poema citado anteriormente, enquanto na autobiografia o evento é relatado em segunda pessoa e no poema “A tentação” é vestido com roupagens bíblicas. Cyrulnik fala sobre esse processo:

A clivagem é uma solução que se impõe ao traumatizado: “A divisão do eu ou do objeto, sob a influência angustiante de uma ameaça, [faz] coexistirem as duas partes separadas que se desconhecem sem compromisso possível.” (Ionescu S., Jacquet M. M., Lhote L., *Les Mécanismes de défense*, Théorie et Clinique, Paris, Nathan Université, 1997, p. 148.) Uma metade fala em voz alta, enquanto a outra murmura o contrário.

Ao me dar o papel de herói em um relato íntimo que eu não podia compartilhar, eu me tornava sujeito da minha história. Eu não era uma coisa que queriam esmagar. Sentia-me melhor contando-me o que acontecera, mas não via o quanto essa defesa perturbava minhas relações. Eu mudava o modo como o passado agia sobre mim. Construía um novo passado remanejando minha história, o que me permitia escapar da memória traumática.⁴³

Concluo o artigo citando mais um poema. Sua autora não é sobrevivente e nem o escreve no contexto direto da Shoá. A dedicatória (a única na obra da poeta) indica a relação com Halina Poświatowska, uma poeta nascida quatro anos depois de Amiel em Częstochowa e que viveu sua curta vida lutando contra a doença de coração adquirida em função de ter que se esconder num porão durante a libertação da cidade em 1945. Wisława Szymborska⁴⁴, pois é ela a autora do poema, com sua capacidade de

⁴² O porque disso é assim explicado por Cyrulnik: “Algumas pessoas traumatizadas que, durante a infância, adquiriram uma força do ego e que, após o trauma, foram apoiadas sentiram-se suficientemente tranquilas para testemunhar sem floreios e simplesmente acusar. Outras, menos fortalecidas e não acompanhadas depois do tumulto, permaneceram prisioneiras de seu passado. A maioria precisou negar, evitar a evocação do passado, antes de conseguir ter força para dizer: “ele” é o herói do meu romance, o porta-voz do “eu” a quem tudo aconteceu.” CYRULNIK, 2013, p. 170.

⁴³ CYRULNIK, 2013, p. 133.

⁴⁴ Szymborska nunca chegou a conhecer Amiel pessoalmente, mas preservou-se uma carta que dirigiu à escritora respondendo ao envio de um volume de poemas: “Cara Senhora Irit (que belo nome)! Agradeço que decidiu me mandar seus poemas, tão profundamente tocantes. A Senhora encontrou para suas vivências, tão complexas para expressar, uma forma única: um tipo de simplicidade totalmente austera... Graças



expressar em palavras simples a vivência universal e particular, escreve sobre o momento que talvez seja mais marcante na história de um sobrevivente, como os descritos acima, mas também de cada um dos seres humanos, o momento que obriga a formular suas vivências *a posteriori*, sendo talvez o momento de nascimento de um escritor ou de uma escritora, como é o caso de Irit Amiel.

Autotomia

Em perigo, a holotúria se divide em duas:
com uma metade se entrega à voracidade do mundo,
com a outra foge.

Desintegra-se violentamente em ruína e salvação,
em multa e prêmio, no que foi e no que será.

No meio do corpo da holotúria se abre um abismo
com duas margens subitamente estranhas.

Em uma margem a morte, na outra a vida.
Aqui o desespero, lá o alento.

Se existe uma balança, os pratos não oscilam.
Se existe justiça, é esta.

Morrer só o necessário, sem exceder a medida.
Regenerar quanto for preciso da parte que restou.

Também nós, é verdade, sabemos nos dividir.
Mas somente em corpo e sussurro interrompido.
Em corpo e poesia.

De um lado a garganta, do outro o riso,
leve, logo sufocado.

Aqui o coração pesado, lá *non omnis moriar*,
três palavrinhas apenas como três penas em voo.

a ela, esses poemas vão viver para sempre, pode ficar segura disso (...).“Excerto da carta de Wisława Szymborska a Irit Amiel, publicada por Remigiusz Grzela (AMIEL, GRZELA, s.d.).



O abismo não nos divide.
O abismo nos circunda.⁴⁵

Referências

- AMIEL, Irit. *Não cheguei a Treblinka a tempo/ Nie zdążyłam do Treblinkki na czas*. Organização e tradução e notas de Piotr Kilanowski. Fortaleza: Dybbuk, 2019.
- AMIEL, Irit. *Osmaleni*. Varsóvia: Czuły barbarzyńca, 2010.
- AMIEL, Irit. *Podwójny krajobraz*. Varsóvia: Prószyński i s-ka, 2008.
- AMIEL, Irit. *Życie: tytuł tymczasowy*. Varsóvia: Czuły barbarzyńca, 2014.
- AMIEL, Irit. GRZELA, Remigiusz. *Jestem tą, która tam była*. Disponível em: <https://remigiusz-grzela.pl/?p=3588>. Acesso em 24 nov. 2023.
- AMIEL, Irit. PIŚKIEWICZ-BORNSTEIN, Agnieszka. *Ostatnie fastrygi*. Katowice: Wydawnictwo Uniwersytetu Śląskiego, 2021.
- AMIEL, Irit; TOMCZOK, Marta. (2020). "[...] sprowadzić na światnowe dzieci, za tamte, spalone". Z Irit Amiel o życiu i pisaniu rozmawia Marta Tomczok. *Narracje o Zagładzie*, Katowice, nr 6, p. 28-36, 2020.
- BIRENBAUM, Halina. *Nadzieja umiera ostatnia*. Varsóvia: Czytelnik, 1967. A versão do livro em português: *A esperança é a última que morre*. Tradução de Eneida Favre. Oświęcim: Wydawnictwo Państwowego Muzeum Auschwitz-Birkenau, 2021.
- BIRENBAUM, Halina. TUTAK-GOLL, Monika. *To nie deszcz to ludzie*. Varsóvia: Agora, 2019.
- BRENER, Liber. Ruch podziemny w częstochowskim getcie. Wspomnienia. *Biuletyn Żydowskiego Instytutu Historycznego*, Varsóvia, nr 1/2 [45/46], p. 159-173, 1963.
- CYRULNIK, Boris. *Corre, a vida te chama*. Memórias. Tradução de Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: Rocco, 2013. Ebook.
- DIMANT, Ita. *Moja część życia*. Varsóvia: ŻIH e Twój Styl, 2001.
- DOŁOWY, Patrycja. *Wróć, gdy będziesz spała*. Rozmowy z dziećmi Holocaustu. Wołowiec: Czarne, 2019.
- EINHORN, Jerzy. *Wybrany aby żyć*. Gdańsk: Marpress, 2002.
- GŁOWIŃSKI, Michał. Posłowie. Em: AMIEL, Irit. *Osmaleni*. Varsóvia: Czuły barbarzyńca, 2010, p. 103-109.
- GRYNBERG, Henryk. *Dziedzictwo*. Londres: Aneks, 1993.

⁴⁵ SZYMBORSKA, 2016, p. 143.



GRYNBERG, Henryk. Lektja o człowieku. Em: AMIEL, Irit. *Podwójny krajobraz*. Varsóvia: Prószyński i spółka, 2008.

KILANOWSKI, Piotr. Hanna Krall e os caminhos tortos da memória e da identidade. *Aetria. Revista dos estudos da literatura*, Belo Horizonte, n.23, p.151-162, 2013.

KILANOWSKI, Piotr. Porque afinal precisa deixar algum rastro aquele mundo completamente calcinado. Poemas de Irit Amiel. *Qorpus*, Florianópolis, v. 10 n. 1, p. 137-140, 2020a.

KILANOWSKI, Piotr Não cheguei a Treblinka a tempo. *Suplemento Pernambuco*, Recife, n. 167, p. 18-19, 2020b.

KRALL, Hanna. *Fantom bólu. Reportaże wszystkie*. Cracóvia: Wydawnictwo Literackie, 2017.

KRALL, Hanna. *Sublokatorka*. Paris: Libella, 1985; Cracóvia, 1985

PIŚKIEWICZ-BORNSTEIN, Agnieszka. Tam i tu. *Narracje o Zagładzie*, Katowice, n.1 (7), p. 275-280, 2021.

PATALAS, Agata. Czwarte życie Irit Amiel. *Polonistyka. Innowacje*, Poznań, n.13, p. 5-8, 2021.

PLUTA, Aleksandra. *As duas vidas de Yan: a história de Jan Majzner-Michalski*. Tradução de Eneida Favre. Varsóvia: Muzeum Historii Polskiego Ruchu Ludowego, Instytut Studiów Iberyjskich i Iberoamerykańskich, 2022.

TOMCZOK, Marta. *Amiel. Życie*. Łódź: Wydawnictwo Uniwersytetu Łódzkiego, 2021.

SZYMBORSKA, Wisława. *Um amor feliz*. Seleção tradução e prefácio de Regina Przybycien. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Recebido em: 13/06/2023.

Aprovado em: 12/07/2023.